

UMA CASA PORTUGUESA: AS CRIANÇAS AUSTRIÁCAS EM PORTUGAL NO PÓS-GUERRA (1947-1958)

ANA R. DA SILVA PINHO*

Resumo: *Entre 1947 e 1958, milhares de crianças austríacas foram acolhidas em famílias e instituições portuguesas no quadro de uma ação promovida pela Caritas. Escapando, durante algum tempo, à miséria de uma pátria devastada pela guerra, estas «crianças Caritas» encontraram, no Portugal do Estado Novo, guarida e, na maioria dos casos, afeto: uma experiência que, além de se ter repercutido nas suas memórias e percursos, também deixou marcas que, embora cada vez menos visíveis, continuam a fazer-se sentir em Portugal. Neste artigo apresentamos, em traços gerais, a investigação «As “Crianças Caritas”, entre a Áustria e Portugal (1947-1958)», votada a perscrutar a forma como se processou a Ação, as suas repercussões nos envolvidos, o tratamento por parte do Governo e da imprensa ao seu serviço e a perceção da mesma por parte da generalidade da população.*

Palavras-chave: *crianças; Caritas; Áustria; Portugal; acolhimento.*

Abstract: *Between 1947 and 1958, thousands of Austrian children were hosted by Portuguese families and institutions as part of an action promoted by Caritas. Thus escaping, for some time, the misery of a country devastated by war, these “Caritas children” found in Portugal, under Antonio de Oliveira Salazar’s Estado Novo, shelter and, in most cases, affection: an experience that, besides having repercussions in their memories and journeys, also left marks that, although less visible, continue to make themselves felt in Portugal. In this article we present a general outline of the research «The “Caritas Children”, between Austria and Portugal (1947-1958)», which was aimed to understand the way the Action took place, its repercussions on those involved, the way it was dealt with by government agencies and displayed by the press at its service and perceived by the population.*

Keywords: *children; Caritas; Austria; Portugal, refuge.*



Fig. 1. Chegada de crianças austríacas a Portugal, outubro de 1948. Fotografia publicada no jornal *O Século*, acessível no site do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

* Investigadora CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória». Email institucional: up200602380@letras.up.pt.

INTRODUÇÃO

Numa altura em que o acolhimento de cidadãos estrangeiros, nomeadamente provenientes de países em situação de guerra, é amplamente discutido na Europa, o projeto «As “Crianças Caritas”, entre a Áustria e Portugal (1947-1958)» procurou aprofundar a análise dos testemunhos e memórias de crianças austríacas acolhidas e de famílias portuguesas envolvidas nesse mesmo acolhimento, durante os 12 anos que se seguiram ao final da II Guerra Mundial.

Recorremos, para isso, à História Oral, enquanto uma das técnicas base da pesquisa, como forma de aprofundar os materiais disponíveis e enriquecê-los com perspetivas pessoais¹, continuamente cruzadas com outras fontes de informação para permitir que se confirmassem e complementassem, «para o desenho de um quadro mais completo e holístico do fenómeno em estudo»².

Cruzando a história oral com a pesquisa documental, procurámos compreender as motivações, os processos e as redes envolvidas neste acontecimento, tanto na perspetiva política e diplomática como na religiosa e social, no contexto histórico do pós-II Guerra, tratando-se de uma dissertação desenvolvida no âmbito de um Doutoramento em História³ mas contando com uma forte componente sociológica.

Numa perspetiva histórica, pretendeu-se averiguar o peso relativo de Portugal na ação internacional, levada a cabo pela Caritas, de acolhimento de crianças de países devastados pela II Guerra Mundial em nações não diretamente afetadas pela mesma, compreender os respetivos contextos, bem como aferir o nível de instrumentalização política desta ação por parte do governo português e a forma como foi e é percebida pela população em geral, procurando também esclarecer o conceito de «refugiado» – em várias ocasiões utilizado para fazer referência às crianças em causa – e a sua evolução histórica, tantas vezes mais relacionada com propósitos políticos que com preocupações humanitárias.

Por outro lado, de acordo com a vertente mais sociológica da pesquisa, investigaram-se os processos de acolhimento e respetivas consequências para as crianças acolhidas, as famílias de acolhimento, e as relações entre os primeiros e Portugal, perscrutando as especificidades dos contextos envolvidos.

Finalmente, e enquanto meta agregadora, procurou-se apreciar os resultados práticos desta ação que, como tantas outras no campo humanitário, muitas vezes por escassez de análises que esclareçam os processos e suas consequências, suscita mais interrogações do que certezas em torno dos seus objetivos⁴.

¹ THOMPSON, 2017: 187.

² DUARTE, 2009: 14.

³ PINHO, 2019.

⁴ BEIGBEDER, 1991: X.

Os casos individuais e suas particularidades, bem como os conceitos brevemente apresentados, foram tratados com a adequada profundidade e pormenor ao longo da referida publicação. Não teremos, dadas as limitações editoriais respeitadas, a oportunidade de os desenvolver neste artigo, mas procuraremos traçar um quadro o mais completo possível daquelas que foram as conclusões da investigação em causa.

ACOLHIMENTO E INTEGRAÇÃO: DOS CONCEITOS À AÇÃO

Pela primeira vez institucionalizado em Portugal em 1979, o acolhimento familiar foi então definido como «a colocação temporária de crianças cuja família natural não esteja em condições de desempenhar cabalmente a sua função educativa, em famílias consideradas idóneas, que devem proporcionar um meio substitutivo que garanta a segurança, o afecto, e o respeito pela personalidade, pelo nome, origem e identidade»⁵.

Semelhante ao acolhimento em estudo, em termos de valores orientadores e objetivos, trata-se, hoje como então, de uma medida à partida transitória que pressupõe a garantia do desenvolvimento integral da criança, temporariamente ameaçado ou interrompido – neste caso devido à situação do pós-guerra –, através da mediação de uma autoridade reconhecida que legitima a idoneidade das famílias de acolhimento e o cumprimento dos critérios de participação das crianças. Apesar de se revestir dos mesmos desafios e potencialidades da prática institucionalizada, o acolhimento em causa não é, todavia, marcado pelo mesmo carácter compulsório⁶.

Relativamente ao conceito de «refugiado», há que recordar a Convenção e Protocolo do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados relativos ao estatuto, estabelecido em 1951 nos seguintes termos:

*qualquer pessoa que temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da protecção desse país, ou que, não tendo nacionalidade se encontra fora do país no qual tinha residência habitual, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar ao mesmo*⁷.

O assunto, já abordado pela autora na sua dissertação de Mestrado, «A imigração irregular em Portugal: vidas que explicam factos»⁸, é aqui aprofundado, de

⁵ Decreto-lei n.º 288/1979. «Diário da República», I Série, 1979-08-13, 1.

⁶ DELGADO, 2010: 337; PINHO, 2019: 5-8.

⁷ UNHCR, 2010.

⁸ PINHO, 2011: 200-226.

acordo com a realidade em estudo. Na verdade, as crianças austríacas, em diversas ocasiões referidas como «refugiadas», só podem ser entendidas como tal tendo em conta as motivações essencialmente políticas subjacentes à utilização desse estatuto, especialmente a disposição ocidental de tratar deslocados do bloco soviético como refugiados políticos, que dominou a assistência aos deslocados de guerra no pós-II Guerra Mundial, nomeadamente aquando do início da Guerra Fria⁹. Importante é também notar que o Direito de Asilo é um direito dos Estados, que conferem ou não o referido estatuto de acordo com os seus próprios interesses¹⁰, e que a Áustria ocupava, à época, uma posição estratégica, considerada «último bastião da cultura ocidental cristã face aos infiéis bárbaros do Leste»¹¹, facto que tornava especialmente útil a utilização da designação¹².

O conceito de integração social, «modos de incorporação dos atores individuais em novos quadros de interacção, em consequência de episódios de mudança social e de deslocamentos intra-sistema de ordem (ciclos geracionais ou mobilidade social), ou inter-sistemas de ordem (migrações)»¹³, revelou-se também central, tendo sido encarado em termos latos, envolvendo processos de integração estrutural, social e cultural.

No caso das crianças estrangeiras acolhidas nas condições analisadas, os processos ocorrem nos dois sentidos (país de acolhimento e de origem) em intervalos de tempo na maioria dos casos muito mais curtos do que os habitualmente assumidos como relevantes, mas durante uma fase da vida que exponencia a sua importância, mais ainda por se tratar de crianças saídas de situações potencialmente traumáticas¹⁴ e de um movimento transfronteiriço, naturalmente propiciador de mudanças mais críticas¹⁵.

Dados os vários níveis em causa, tornou-se essencial adotar a perspetiva de João Ferreira de Almeida que define a inclusão, em contraposição à exclusão, enquanto «a capacidade de agir de forma diferente no futuro, a real possibilidade de opção»¹⁶. Neste ponto interessou-nos particularmente perceber de que forma a integração das crianças na sociedade portuguesa foi potenciada pela inserção das famílias em instituições, políticas, educacionais, desportivas, artísticas, com especial interesse pelas religiosas, visto que a ação foi patrocinada pela Igreja Católica.

⁹ JUDT, 2006: 31.

¹⁰ MELLO, 2012: 197.

¹¹ KÖNIG, et al., 2016: 6.

¹² PINHO, 2019: 8-17.

¹³ PIRES, 2003: 50.

¹⁴ HECKMAN, 2005: 2.

¹⁵ PIRES, 2003: 50; PINHO, 2019.

¹⁶ VALA, 1996: 28.

Também o conceito de capital social se tornou, neste sentido, particularmente importante, como «o conjunto de recursos efectivos ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações [...], ou [...] à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns [...] mas também unidos por laços permanentes e úteis»¹⁷.

A forma como o capital social proporcionado pelas experiências de acolhimento influenciou no percurso das crianças em causa foi examinada tendo em conta a relação com as outras formas de capital, bem como a influência na escolha das que seriam definidas pela Caritas como famílias beneficentes ou famílias idóneas, com condições (níveis de capital físico, humano e social) contrastantes com as das famílias de origem, e a perspetiva dos envolvidos.

Tal perspetiva é, obviamente, influenciada pela sua memória, tomada como base da nossa investigação, não descurando o seu carácter especial enquanto fonte, subjetiva e pessoal, mas não menos válida que a tida como «objetiva», tão simplesmente por ser mais difícil de articular por palavras, e tendo em conta que a forma como recordamos, seja por escrito seja através da oralidade, é sempre «uma representação de nós mesmos perante nós mesmos e perante os que nos rodeiam»¹⁸.

A AÇÃO CARITAS E OS TRANSPORTES DE CRIANÇAS NO PÓS-GUERRA

Inserida na contextualização histórica do nosso objeto¹⁹, importa destacar a situação económica, social e política da Europa do pós-II Guerra Mundial, à qual, como em outras ocasiões, alguns organismos humanitários internacionais responderiam com a organização de transportes de recuperação, para minorar os efeitos de tais circunstâncias nas crianças²⁰.

Na época em estudo, haveria um predomínio das ações do género levadas a cabo pela Cruz Vermelha e pela Caritas, nomeadamente no caso da Áustria, sobre o qual nos focamos. Tendo partido da promoção de estadias para crianças vienenses desnutridas em zonas rurais menos afetadas pela destruição, a Ação da Caritas a partir da Áustria haveria de contar com o apoio dos diferentes organismos estatais dedicados à proteção de crianças e jovens a nível nacional, como em outras ocasiões relativamente ao transporte de crianças através de outras organizações e para outros países²¹.

¹⁷ BOURDIEU, 1980: 2-3.

¹⁸ FENTRESS & WICKHAM, 1992: 7.

¹⁹ PINHO, 2019: Capítulos 2 e 3.

²⁰ Ver CORTÉS BRAÑA, 2016 e KIND-KOVÁCS, 2013.

²¹ MAYR, 2013: 32-33.

No caso da Caritas, os transportes começaram a ultrapassar as fronteiras austríacas a partir de 1947. Segundo dados da própria organização, até 1958 haveriam de ser transportadas mais de 36.000 crianças austríacas, no âmbito dessas ações.

Tabela 1. Crianças austríacas transportadas pela Caritas entre 1947 e 1958 (dados Caritas Áustria)

Ano	Bélgica	Holanda	Portugal	Espanha	Suíça	Luxemburgo	Itália	Alemanha	Total
1947	–	500	121	–	251	621	–	–	1.493
1948	1.486	2.064	1.486	–	928	618	349	–	6.931
1949	1.987	2.920	1.989	1.997	465	355	248	–	9.961
1950	1.145	2.081	1.172	1.133	435	202	–	–	6.168
1951	317	–	64	299	198	135	–	–	1.013
1952	689	–	234	132	371	89	–	–	1.515
1953	929	–	159	120	296	84	–	291	1.879
1954	1.246	–	92	70	222	79	–	244	1.953
1955	847	834	40	86	155	113	–	57	2.132
1956	765	769	45	76	80	105	33	30	1.903
1957	126	160	–	–	–	36	–	–	322
1958	411	471	231	37	49	126	–	–	1.325
Total	9.948	9.799	5.633	3.950	3.450	2.563	630	622	36.595

Fonte: MAISEL-SCHULZ, 2010: 63.

Apesar das diferentes fontes apresentarem dados nem sempre coincidentes, todas elas confirmam o facto de desde 1951 ser notória uma redução do número de crianças transportadas. A partir de então, na maioria dos casos, seriam crianças convidadas, ou *Gastkinder*.

De acordo com os dados publicados por Christine Maisel-Shulz, ex-criança Caritas austríaca, entre 1947 e 1958, Portugal terá sido, dos elencados, o terceiro país a receber um maior número de crianças. Tendo mantido a segunda posição até 1950, ano em que se realizou o último grande transporte com destino a terras lusas, Portugal foi apenas secundado pela Bélgica e pela Holanda, ambos bastante mais próximos do país de origem das crianças, em termos geográficos²². Necessário é, contudo, ter em conta que Portugal foi o único dos referidos países não diretamente envolvido na II Guerra Mundial, tendo os países do Benelux estado sob domínio nazi de 1940 a 1945; a Itália em guerra desde o princípio do conflito e ocupada durante os dois últimos anos, tendo também enviado crianças para estadias de recuperação no estrangeiro, tal como a Alemanha, que terminaria

²² MAISEL-SCHULZ, 2010: 63.

massivamente destruída; a Suíça, neutral, recebia crianças de outros países já durante os anos de guerra, ainda que maioritariamente através da Cruz Vermelha e sempre por períodos não mais longos que três meses.

A Península Ibérica era, porém, mais distante, sendo necessárias mais diligências e permanências mais longas para justificar os esforços envidados²³. Ao contrário de Espanha, também neutral, mas que havia sofrido uma guerra civil sangrenta, onde a decisão de Franco de tomar parte na Ação benemérita da Caritas responderia declaradamente a uma tentativa de quebrar a ostracização internacional a que era votado o seu regime²⁴, em Portugal, até onde nos foi dado perceber, não há uma declaração verbal de interesse propagandístico na participação na mesma. Diferentemente da Espanha, Portugal saíra do segundo conflito mundial numa situação relativamente favorável, seria um dos países beneficiários do Plano Marshall e um dos fundadores da NATO, em 1949²⁵. O «carinho oficial» de Salazar pela Ação Caritas²⁶ e a sua proximidade à fundadora e presidente da Caritas, Fernanda Ivens Ferraz Jardim, parecem indiciar o contrário. Além disso, a Ação viria a ser financiada pelo Estado Novo, chegando mesmo a haver uma canalização de fundos do Episcopado e da Cruz Vermelha para a mesma, em 1948, e difundida por meios de propaganda do governo, nomeadamente o *Jornal Português*²⁷. Ademais, uma parte significativa das famílias selecionadas para o acolhimento das crianças provinha de uma elite, de alguma forma, afeta ao regime²⁸.

A maioria das crianças austríacas enviadas para Portugal era do sexo feminino e tinha entre os 6 e os 11 anos de idade aquando do primeiro acolhimento, sendo mais de 70% provenientes de Viena²⁹. A maioria era indicada à Caritas pelos Serviços de Apoio a Menores, de acordo com critérios de idade, saúde e nível socioeconómico³⁰. Também eram tidos em conta os históricos de saúde das crianças, aceites crianças não-austríacas (geralmente provenientes de campos de refugiados) e mesmo crianças sem necessidades especiais, desde que incluídas numa lista de espera que seria acionada caso não fossem preenchidas todas as vagas ou havendo uma desistência de última hora. Párocos, professores de reli-

²³ MAYR, 2013: 34.

²⁴ MAISEL-SCHULZ, 2010: 130-148.

²⁵ ROSAS, 1998: 350-355; ROLLO, 1994: 859-860.

²⁶ *Despacho de António de Oliveira Salazar sobre o financiamento da Caritas*, 1948-04-08, Lisboa. Acessível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Portugal. ANTT – *Arquivo Salazar*, PC-3J, 2.ª subdivisão, documento nº 183-187.

²⁷ BRAGA, 2005a: 199-200; BRAGA, 2005b: 168-169.

²⁸ *Boletins de inscrição*. Acessíveis no AUCPL, Linz, Áustria; *Boletins de inscrição*. Acessível no ACDP, Porto, Portugal.

²⁹ CARITAS PORTUGUESA – *Listas com a morada das crianças na Áustria*, 1948-04-16, Lisboa. Acessível no AUCPL, Linz, Áustria; CARITAS DA ARQUIDIOCESE DE VIENA – *Kindertransport nach Portugal*, 1948-10-18, Viena. Acessível no AUCPL, Linz, Áustria; CARITAS DA ARQUIDIOCESE DE VIENA – *Kindertransport nach Portugal*, 1950-04-18, Viena. Acessível no AUCPL, Linz, Áustria.

³⁰ MAYR, 2013: 43-44.

gião e delegados da Caritas podiam ainda indicar crianças a ser enviadas e as próprias famílias podiam solicitar o seu envio³¹.

A Caritas austríaca ajudava na seleção e preparação das famílias das crianças, organizava as deslocações entre as diferentes localidades e os pontos de encontro na Áustria e encarregava-se também de parte da logística das grandes viagens: disponibilização de caminhos-de-ferro, vagões de comboios, documentação necessária, pessoal de apoio e refeições a bordo³². As decisões eram tomadas em conjunto com a Caritas Portuguesa, que providenciava os mesmos meios até ao ponto de encontro, sensivelmente a meio do trajeto, no caso das viagens de comboio, e nas viagens de regresso, e pagava as despesas, ressarcindo a congénere austríaca dos seus gastos. No caso das crianças convidadas, eram geralmente as famílias de acolhimento quem financiava as deslocações, sendo raros os casos em que uma das Caritas nacionais o fazia³³.

A escassez de relações diplomáticas entre Portugal e Áustria, os conflitos políticos latentes e a destruição de infra-estruturas que caracterizou o período do pós-guerra dificultaram as actividades e condicionaram as rotas estabelecidas para o transporte das crianças. Assim, numa primeira fase, aquelas seriam levadas de comboio até Zurique, onde apanhariam o avião para Lisboa. A viagem, mais rápida e confortável, durava cerca de dois dias, contudo, a recusa de donativos ao United Nations Appeal for Children, levaria Portugal a comprometer-se com uma intensificação dos transportes de crianças através da Caritas, pelo que apenas o primeiro e segundo, ambos realizados em 1947, se realizaram por via aérea, com um total de 121 crianças³⁴.

Permitindo levar mais crianças ao mesmo tempo, o meio marítimo seria o selecionado para os grandes transportes com origem na Áustria que se seguiriam. O dia e meio de viagem de comboio até Génova e os quatro dias de navio até Lisboa seriam recheados de novas emoções, mas também de medos e enjoos, especialmente tratando-se de crianças que nunca ou quase nunca tinham ultrapassado os limites da sua área de residência. Entre 1948 e 1950, os terceiro, quinto e sexto transportes seguiriam este percurso³⁵.

Porém, e talvez para que as crianças austríacas regressassem a casa juntamente com francesas e alemãs que, entretanto, haviam também sido acolhidas em

31 MAYR, 2013: 47-50.

32 MAYR, 2013: 40; UNGAR, Leopold (1952) – [Carta] 1952 out. 1, Viena [a] Caritas Portuguesa. Acessível no AUCPL. Digitalização DUB_FR03_0387-0388.

33 Variada documentação acessível no Arquivo da Universidade Católica Privada de Linz.

34 JARDIM, Fernanda (1951) – [Carta] 1951, Lisboa [a] António de Oliveira Salazar. Acessível no ANTT, *Arquivo Salazar*, IN-2B, cx. 309, capilha 3; CARITAS PORTUGUESA – *Crianças Estrangeiras que vieram a Portugal através da Caritas Portuguesa*, 1958-08-31, Lisboa. Acessível no AUCPL, Linz, Áustria.

35 CARITAS PORTUGUESA – *Crianças Estrangeiras que vieram a Portugal através da Caritas Portuguesa*, 1958-08-31, Lisboa. Acessível no AUCPL, Linz, Áustria; CARITAS PORTUGUESA – *Crianças Austríacas que se encontram em Portugal*, 1953-11-10, Lisboa. Acessível no AUCPL, Linz, Áustria; MAISEL-SCHULZ, 2010: 63.

Portugal, o regresso do terceiro turno e a vinda do quarto realizar-se-iam exclusivamente por via terrestre. A viagem, que durava cerca de uma semana, começava e terminava, portanto, dentro de um comboio, havendo sempre uma mudança na fronteira franco-espanhola, dada a diferença de bitola entre os caminhos-de-ferro ibéricos e os do resto da Europa³⁶. Sem condições de higiene a bordo, tais viagens seriam recordadas como especialmente cansativas e desanimadoras, quer pelas crianças quer pelos acompanhantes. Os transportes de crianças convidadas, iniciados pelo menos já em 1949, realizar-se-iam maioritariamente de comboio.

Tabela 4. Transportes de crianças estrangeiras promovidos pela Caritas Portuguesa

Transporte	Data	Meio	N.º de crianças	Regresso	Meio
1º turno da Áustria	31.01.1947	Avião	46	21.12.1947	Avião
2º turno da Áustria	23.12.1947	Avião	75	?08.1948	Comboio
3º turno da Áustria	16.04.1948	Navio	498	08.10.1948	Comboio
1º turno da França	18.05.1948	Comboio	457	"	"
1º turno da Alemanha	27.09.1948	Comboio	90	"	"
4º turno da Áustria	10 e 21.10.1948	Comboio	990	09.06.1949	Navio
Convidadas da Áustria	06.02.1949	Comboio?	3	?	Comboio?
5º turno da Áustria	18.06.1949	Navio	998	21.04.1950	Navio
2º turno da França	25.06 a 06.09.1949	Comboio	46	06.09.1950	Comboio
2º turno da Alemanha	17.10.1949	Avião	72	??12.1950	Avião
6º turno da Áustria	02.05.1950	Navio	1.163	07.03.1951	Comboio
Crianças húngaras	"	"	9	"	"
Convidadas da Áustria	12.03.1951	Comboio	9	?	Comboio?
Convidadas da Alemanha	23.06.1951	?	1	?	?
Convidadas da Alemanha	04.08.1951	?	2	?	?
Convidadas da Áustria	18.08.1951	Comboio?	57	?	Comboio?
Convidadas da França?	???.1951	?	?	?	?
Convidadas da Áustria	23.05 e 13.06.1952	Comboio?	234	??10.1952	Comboio?
Convidadas da Alemanha?	??06.1952	?	?	??10.1952	?
Convidadas da Áustria	18.07.1953	Comboio?	159	22.10.1953	Comboio
Convidadas da França	11.08.1953	Comboio	13	?	?
Convidadas da Áustria?	???.1954	Comboio?	92	?	Comboio?
Convidadas da Áustria?	???.1955	Comboio?	40	?	Comboio?

³⁶ CARITAS PORTUGUESA – *Crianças Estrangeiras que vieram a Portugal através da Caritas Portuguesa*, 1958-08-31, Lisboa. Acessível no AUCPL, Linz, Áustria; CARITAS PORTUGUESA – *Crianças Austríacas que se encontram em Portugal*, 1953-11-10, Lisboa. Acessível no AUCPL, Linz, Áustria; MAISEL-SCHULZ, 2010: 63, 145.

Transporte	Data	Meio	N.º de crianças	Regresso	Meio
Convidadas da Áustria?	???.?.1956	Comboio?	45	?	Comboio?
«Crianças» húngaras	14.12.1956	Avião	61?	?	?
7º turno da Áustria?	1958	Comboio	231	?	?
Total apurado de crianças estrangeiras acolhidas em Portugal	5.391				
Total de crianças austríacas em transporte «normal»	4.001				
Total de crianças austríacas em transporte Gastkinder	4639				
Total de crianças austríacas acolhidas em Portugal	4.640				

Fonte: *Crianças Estrangeiras que vieram a Portugal através da Caritas Portuguesa*, 1958-08-31, Lisboa. Acessível no AUCPL; *Crianças Austríacas que se encontram em Portugal*, 1953-11-10, Lisboa. Acessível no AUCPL; MAISEL-SCHULZ, 2010: 63.

Segundo os dados da Caritas Portuguesa, cruzados com os avançados pela imprensa da época consultada, Portugal terá recebido um total de 5.391 crianças estrangeiras através da Ação da Caritas, entre austríacas, francesas, alemãs e húngaras, podendo indiciar um erro nos valores avançados pela Caritas Austríaca e recorrentemente referidos como total das crianças austríacas. Tais valores reportam-se, contudo, não ao número de crianças singulares transportadas, mas antes ao número de vezes que o transporte foi realizado, sendo incluídas as crianças convidadas, as quais viajavam essencialmente a expensas das famílias de acolhimento. As crianças austríacas foram, todavia, as mais numerosas, estando, talvez por isso, mais presentes no imaginário coletivo dos portugueses. O último transporte com crianças austríacas não convidadas, que nos foi possível confirmar, realizar-se-ia em 1958, ainda que algumas *Gastkinder* fizessem parte do mesmo³⁷.

Há também relatos acerca do acolhimento de crianças polacas, italianas, russas, belgas e checas, entre outras³⁸, ainda que muito provavelmente em nenhum dos casos se tenha processado através da Caritas.

Segundo os dados da Caritas Portuguesa, cruzados com os avançados pela imprensa da época consultada, Portugal terá recebido um total de 5.391 crianças estrangeiras através da Ação da Caritas, entre austríacas, francesas, alemãs e húngaras, podendo indiciar um erro nos valores avançados pela Caritas Austríaca e recorrentemente referidos como total das crianças austríacas. Tais valores reportam-se, contudo, não ao número de crianças singulares transportadas, mas antes ao número de vezes que o transporte foi realizado, sendo incluídas as crianças convidadas, as quais viajavam essencialmente a expensas das famílias de acolhimento. As crianças austríacas foram, todavia, as mais numerosas, estando, talvez por isso, mais presentes no imaginário coletivo dos portugueses. O último transporte com crianças austríacas não convidadas, que nos foi possível confirmar, realizar-se-ia em 1958, ainda que algumas *Gastkinder* fizessem parte do mesmo³⁷.

Há também relatos acerca do acolhimento de crianças polacas, italianas, russas, belgas e checas, entre outras³⁸, ainda que muito provavelmente em nenhum dos casos se tenha processado através da Caritas.

³⁷ ACDP – Relatório de Bernardo Nogueira à Caritas Diocesana do Porto, Ancede, 28/07/58.

³⁸ A Caridade não tem Fronteiras, 1950.

ACOLHIMENTO DE CRIANÇAS AUSTRIACAS EM PORTUGAL

À Caritas Portuguesa cumpria divulgar a Ação, através dos meios de comunicação e dos párocos, e selecionar as famílias de acolhimento, geralmente indicadas como «material e moralmente capazes» por parte dos mesmos párocos, melhor conhecedores das comunidades, mas também mais propensos a deixar-se influenciar pelas suas afinidades pessoais, o que por vezes se traduzia em escolhas menos preocupadas com o superior interesse das crianças³⁹.

Geralmente, os candidatos aprovados eram casados, tinham entre 40 e 60 anos de idade, tinham filhos, faziam parte de uma elite profissional e eram católicos praticantes ou tinham boas relações com representantes da Igreja Católica⁴⁰. Às famílias eram apenas enviados uma circular e o regulamento da Ação, dos quais constavam essencialmente os compromissos que deveriam assumir relativamente às crianças e à Caritas. Em alguns casos, as famílias podiam também receber os relatórios de saúde e personalidade que as crianças preenchiam aquando da sua inscrição junto da Caritas Austríaca, o que indicia a atribuição prévia de algumas. A maioria das crianças era, contudo, distribuída, de forma mais ou menos aleatória, à chegada a Portugal. Alguns relatos referem também que os colaboradores da Caritas Portuguesa – tal como da Austríaca, geralmente trabalhadores da Caritas ou elementos da aristocracia local – tinham facilidades de escolha relativamente às crianças a acolher pelas respetivas famílias, sendo algumas selecionadas ainda durante o transporte⁴¹.

Usualmente, as crianças reagiam com entusiasmo à possibilidade de viajar até um país desconhecido, sobre o qual algumas já haviam ouvido relatos positivos. Por vezes, eram as próprias quem convencia os pais a deixá-las participar. Em certos casos, porém, a proximidade do dia da partida era encarada com alguma ansiedade, que depressa se transformava em desânimo, nomeadamente durante as longas viagens de comboio. A chegada àquele a que depressa se habituariam a referir-se como «o país das delícias» era geralmente encarada com renovada esperança. O processo de distribuição, porém, seria, em muitos casos, traumatizante, especialmente para as crianças não escolhidas, que tendiam a sentir-se preteridas, sendo geralmente levadas para instituições religiosas, residências episcopais ou paroquiais⁴². O que seria definido por alguns como «mercado de gado» deixaria

³⁹ *Mais crianças austríacas vítimas da guerra chegaram à nossa Diocese.* «Mensagem de Bragança», 10 Jul. 1949: 1; *Boletins de Inscrição do Patriarcado: Concelho de Tomar.* Acessível no AUCPL, Linz, Áustria. Digitalizações DUB_FR07_0702-751.

⁴⁰ AUCPL – Boletins de inscrição; ACDP – Boletins de inscrição.

⁴¹ UNGAR, Leopold (1951) – [Carta] 1951 jun. 7, Viena [a] Caritas Portuguesa. In MAYR, 2013: 72; Entrevistas gravadas.

⁴² MAYR, 2013: 84-85; Vários testemunhos em CAETANO, 2005; Entrevistas gravadas.

também fortes marcas nas próprias famílias de acolhimento, sendo inclusivamente referido por certos organizadores enquanto uma «humilhação evitável»⁴³.

Os aspetos negativos da estadia tendiam a centrar-se, todavia, nos primeiros tempos, resultantes de dificuldades de comunicação, que davam lugar a mal-entendidos e ao isolamento das crianças, e dos traumas de guerra que os pequenos traziam de casa, que levavam muitos deles a reagir de forma intempestiva a sons, cheiros ou imagens que os remetessem às vivências do conflito. Tais dificuldades tendiam a ser ultrapassadas graças aos cuidados e à paciência das famílias de acolhimento e outros elementos da comunidade em que eram inseridos, sendo a afetividade portuguesa grandemente apreciada pelas crianças⁴⁴.

Não obstante, nem sempre um estatuto social elevado, geralmente sinónimo de bem-estar material, se traduzia em situações de bem-estar emocional. Em tais casos a Caritas estava autorizada a intervir. A resolução tendia a ser a retirada das crianças, ainda que fosse mais frequente a uma família que lhes prestasse os necessários cuidados, mas que a Caritas considerasse não ter os bens materiais necessários, do que a uma família na situação inversa⁴⁵. Tal facto dava lugar, por um lado, a retiradas sem justificação aparente, e, por outro lado, a situações extremas, em que organismos externos se viram obrigados a atuar, visto que a instituição responsável o não fez⁴⁶.

A averiguação das condições em que se encontravam os pequenos era realizada por meio de visitas ao domicílio, por parte de elementos das delegações diocesanas, por vezes acompanhados por supervisoras austríacas, com destaque para a Condessa Ilona de Seilern e a Princesa Benedicta de Liechtenstein, que mais presente ficaria nas memórias das crianças⁴⁷.

Também os relatórios mensais, acerca do comportamento geral e religioso, a saúde e o contacto das crianças com a Áustria, serviriam o mesmo propósito. Estes deveriam ser preenchidos pelas famílias de acolhimento e entregues junto dos representantes diocesanos ou enviados à Caritas central. Algumas famílias estavam isentas de ambas as práticas porque consideradas «de confiança»⁴⁸.

A Caritas era também por vezes confrontada com a devolução de crianças por parte das famílias de acolhimento, geralmente alegando mau comportamento dos menores⁴⁹.

43 [Carta] 1949 fev. 1, Porto [a] Caritas Diocesana do Porto. Acessível no Arquivo da Caritas Diocesana do Porto, Porto, Portugal.

44 PINHO, 2019: capítulo 4.2.2.

45 Relatórios de famílias de acolhimento à Caritas Diocesana do Porto. Acessíveis no Arquivo da Caritas Diocesana do Porto, Porto, Portugal.

46 AUCPL – Regulamento. Digitalização DUB_FR04_0017; CAETANO, 2005: 405.

47 LIECHTENSTEIN, Benedicta; SEILERN, Ilona – *Carta aos pais das crianças dos transportes de Dezembro de 1947 e de Abril de 1948*, 1948-06, Lisboa. Col. privada de Hannelore Mauracher. In MAYR, 2013: 40.

48 ACDP – *Cartão de identificação de Helmuth Ködel*.

49 ACDP – *Correspondência trocada entre famílias de acolhimento e Caritas Diocesana do Porto*.

O contacto com a família de origem, aspeto a garantir pelas famílias de acolhimento e integrante dos relatórios mensais, exigia, por vezes, o suplantar de dificuldades linguísticas, logísticas e mesmo do desleixo das próprias crianças, crescente na proporção da desenvoltura com a Língua Portuguesa, que acompanhava, por sua vez, o aprofundamento das relações no país de acolhimento. Para compensar eventuais falhas de comunicação, a Caritas enviava aos pais cartas informativas gerais, tendo mesmo chegado a promover programas de rádio e patrocinando serviços de tradução, em ambos os países⁵⁰.

O primeiro contacto com o Português acontecia, para muitas crianças, durante a viagem, sendo as primeiras palavras aprendidas nesse contexto ou, em vários outros casos, ensinadas por empregados das famílias. A necessidade, a comunicação não-verbal e a rapidez de aprendizagem natural nas crianças facilitariam o processo, sendo que, em alguns casos, as famílias de acolhimento recorreram à mediação de pessoas que falassem o Alemão ou mesmo a professores privados. Algumas crianças frequentaram também a escola em Portugal, ainda que não formalmente, geralmente acompanhando familiares. A maioria, porém, aprenderia pelo chamado «método natural», numa dinâmica de repetição⁵¹.

Também a estranheza inicial relativamente à comida seria, geralmente, relegada para segundo plano com relativa celeridade, por um lado, graças aos esforços das famílias em atender aos gostos das crianças e, por outro, à habituação destas a uma alimentação mais equilibrada, rica e farta. Além desse ponto, que teria grande importância para os pequenos, também o ritmo de vida mais relaxado, ainda que mais supervisionado, lhes agradaria particularmente. O facto de não haver obrigação de frequentar a escola, realizar tarefas domésticas ou mesmo, em alguns casos, participar em celebrações religiosas contribuiria para esta sensação⁵².

As práticas religiosas, porém, eram uma constante na maioria das famílias de acolhimento, sendo que grande parte das crianças interiorizaria o mesmo zelo, não habituadas que estavam, na Áustria, a viver socialmente a fé. As celebrações de cariz religioso seriam, precisamente, algumas das que com mais pormenor ficariam guardadas nas memórias dos acolhidos, ainda que nem sempre tais tradições fossem vividas no sentido mais espiritual: do Natal à Páscoa, passando pelas festas dos santos padroeiros, com as suas procissões características, os casamentos e até mesmo os funerais. Também as festas pagãs, como o Carnaval, e as férias passadas à beira-mar ou nas quintas das famílias de acolhimento ocupam um lugar especial na memória das ex-crianças⁵³. O mesmo não se pode dizer dos eventos para elas organizados pela Caritas, muito provavelmente porque realiza-

50 MAYR, 2013; CAETANO, 2005; Entrevistas gravadas.

51 MAYR, 2013: 129; CAETANO, 2005; Entrevistas gravadas.

52 MAYR, 2013: 92, 114; CAETANO, 2005; Entrevistas gravadas.

53 CAETANO, 2005; Entrevistas gravadas.

dos apenas nas cidades de Lisboa, Porto e Bragança, sendo que só as crianças ali acolhidas seriam participantes⁵⁴.

Por outro lado, os contactos com o Presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar, ainda que trocados com uma minoria dos acolhidos, são também alvo de gratas recordações por parte dos protagonistas. Apesar de algumas informações que indicam que Salazar teria, à semelhança da família de Franco, em Espanha, acolhido algumas crianças austríacas, não existem provas de que tal tenha de facto ocorrido, antes pelo contrário⁵⁵. Existem, sim, cartas trocadas entre o Presidente e alguns dos pequenos austríacos e relatos de encontros pontuais com um número ainda mais reduzido, provavelmente em consequência de eventos traumáticos ocorridos em Portugal e/ou de peculiar insistência por parte das crianças, geralmente de famílias especialmente bem relacionadas⁵⁶.

Devendo durar entre seis a oito meses, as estadias foram muitas vezes prolongadas devido a dificuldades organizacionais. Noutros casos, os prolongamentos resultavam de mútuo acordo entre os pais de acolhimento e as famílias na Áustria⁵⁷, do falecimento dos pais biológicos ou mesmo das crianças, havendo pelo menos dois registos da morte devido ao agravamento de problemas de saúde já desenvolvidos no país de origem⁵⁸.

REGRESSO, REINTEGRAÇÃO E REENCONTROS

As viagens de regresso a casa de um turno coincidiam geralmente com a vinda de um novo, o que permitia reduzir os custos, mas aumentava a complexidade da organização⁵⁹. Era a Caritas que fazia chegar às famílias de acolhimento as informações necessárias para garantir a partida das crianças no dia acordado e os impressos para as muitas malas que geralmente levavam, sendo comuns os relatos dos que recordam ter chegado com pouco e voltado com mais do que podiam transportar⁶⁰.

⁵⁴ Documentação relativa às actividades organizadas pela Caritas para as crianças austríacas. Acessível no Arquivo da Caritas Diocesana do Porto, Porto, Portugal; Entrevistas gravadas.

⁵⁵ Padre Alexandrino Brochado (02/10/2015), entrevista gravada; MAISEL-SCHULZ, 2010: 158-159.

⁵⁶ *Agradecimento de crianças da Áustria ao Prof. Doutor A. de Oliveira Salazar, 1950-1954*. Acessível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Portugal. ANTT – *Arquivo Salazar*, PC-3J, cx. 611, capilha 24; Ursula Brunner (19/05/2019), entrevista gravada.

⁵⁷ Correspondência trocada entre as Caritas Portuguesa e Austríaca. Acessível no Arquivo da Caritas Diocesana do Porto, Porto, Portugal; Entrevistas gravadas.

⁵⁸ Padre Alexandrino Brochado (02/10/2015), entrevista gravada; Caritas Diocesana do Porto (1949) – [Carta] 1949 mai. 30, Porto [a] família de acolhimento de Franz Leitner. Acessível no ACDP; Caritas Diocesana do Porto (1949) – [Carta] 1949 mai. 30, Porto [a] família de acolhimento de Kurt Smrcek. Acessível no ACDP.

⁵⁹ MAYR, 2013: 143; Correspondência trocada entre as Caritas Portuguesa e Austríaca. Acessível no Arquivo da Caritas Diocesana do Porto, Porto, Portugal.

⁶⁰ UNIÃO DE CARIDADE PORTUGUESA – *Circular com informações acerca da partida de crianças austríacas e francesas, 1948-09-08*, Lisboa. In TROPA, 2018: 6-19; Entrevistas gravadas.

Para as famílias de acolhimento, ver partir as crianças que durante aquele período haviam feito parte do clã era especialmente doloroso, havendo registos de situações extremas em que os pais de acolhimento terão falecido em consequência do evento⁶¹.

Também para as crianças era difícil, principalmente para as mais pequenas, que em alguns casos já poucas memórias guardavam do país de origem. Mesmo aquelas que encaravam o regresso com naturalidade, felizes por voltar à família e com esperança de um dia visitar quem tão bem as havia recebido, acabavam por sucumbir ao cansaço da viagem, em alguns casos desejando voltar a Portugal durante o percurso⁶².

A situação piorava quando a readaptação era demorada, por vezes mais que a adaptação ao país de acolhimento. As dificuldades linguísticas, decorrentes da falta de contacto com o Alemão e que resultavam em atrasos adicionais na vida escolar, e o desapontamento com as circunstâncias na Áustria ainda destruída, depois de um período de condições que também eram extraordinárias para a maioria dos portugueses, davam origem a conflitos com os progenitores. Os pais, apesar de gratos pelo bem-estar físico dos filhos, debatiam-se com o facto de, por vezes, já não conhecerem a criança que lhes regressava a casa, em muitos casos sem sequer falar a própria língua, sentindo-se, por vezes, desconfortáveis com o excesso de bagagem que os acompanhava⁶³.

Para várias crianças austríacas regressadas a casa, o contacto com os seus «queridos de Portugal» seria essencial. A Caritas procurá-lo-ia garantir através de serviços de tradução gratuitos e de pressão sobre as famílias biológicas no sentido de motivarem ou pelo menos permitirem a troca de correspondência com as famílias de acolhimento. Muitas cartas, contudo, acabariam por se perder na viagem, outras devido a mudanças de morada das famílias em Portugal. Alguns dos pais não permitiam o contacto, por ciúmes, para evitar distrações ou mesmo o sofrimento dos seus filhos. Além disso, algumas crianças nunca aprenderam a escrever em Português ou acabariam por esquecê-lo. Apesar de tudo, várias foram as famílias de acolhimento que, através da Caritas, continuaram a enviar encomendas às «suas» crianças e respetivas famílias⁶⁴.

Para promover esse mesmo contacto, seriam também criados na Áustria alguns grupos de encontro, nomeadamente em Viena, onde seria a própria Caritas a oferecer aulas de comunicação em Português, entre outras actividades, para

⁶¹ MAYR, 2013: 148; CAETANO, 2005: 65; Entrevistas gravadas.

⁶² CAETANO, 2005; Entrevistas gravadas.

⁶³ MAYR, 2013: 125; CAETANO, 2005; SCHIESSER, 2015; Entrevistas gravadas.

⁶⁴ MAYR, 2013: 125, 153; CAETANO, 2005; Correspondência trocada entre a Caritas Portuguesa e a Caritas de Viena, as famílias biológicas ou de acolhimento relativamente a encomendas. Acessível no Arquivo da Universidade Católica Privada de Linz, Linz, Áustria; Entrevistas gravadas.

continuar a alimentar nos jovens «o Culto, o Amor e a gratidão» por Portugal. Alguns desses grupos permanecem em atividade⁶⁵.

Várias seriam as Caritas Diocesanas que organizariam excursões à Áustria, facilitando a viagem a elementos das famílias de acolhimento. Simultaneamente, a Caritas central promoveria as viagens a convite das famílias de acolhimento, que permitiriam que várias crianças viajassem rumo a Portugal, em transportes com o selo do organismo internacional, em várias ocasiões⁶⁶.

OS QUE FICARAM E OS QUE, MESMO PARTINDO, NÃO FORAM PARA SEMPRE

Trinta e uma é o total de crianças austríacas que visitaram pela primeira vez Portugal através da Ação da Caritas e, desde então ou mais tarde, se estabeleceram definitivamente no país⁶⁷. Entre aqueles que não mais voltaram à Áustria, senão em visitas pontuais, a maioria, ao que tudo indica, não terá sido formalmente adotada pelas famílias de acolhimento, ainda que, em alguns casos, tenham sido herdeiros legais dos «padrinhos». Vários tentaram formalizar a adoção, mas encontraram entraves na família biológica, sendo que aquelas que aceitaram tais situações se terão visto condicionadas pelas dificuldades vividas à época. Terá sido o caso da família Zenkl, que permitiria que os três filhos acolhidos em Portugal aqui permanecessem, aos cuidados das famílias Emaús Malta, Infante da Câmara e Carvalho Monteiro.

Outros seriam aqueles que, mantendo ou não contacto com a família de acolhimento, voltariam para viver e trabalhar em Portugal. Ingunde Wieser, hoje Dominica Maria, Irmã Missionária do Precioso Sangue, é exemplo daqueles a quem a vida se encarregaria de proporcionar o retorno ao país de acolhimento e à família Cruz, enquanto que Johanna Oswald, acolhida por Albertina Alves Barbosa Leitão, acabaria por se fixar no país que nunca deixou de visitar, para trabalhar na empresa da família de acolhimento, J. Pinto Leitão.

Outros ainda, tendo perdido o contacto em dado momento, acabariam por reatá-lo e não mais deixar de alimentar laços de amizade e não só. Gerhard Schiesser, acolhido por Henrique Alves Amorim, assumiria a liderança de uma

⁶⁵ MAYR, 2013: 152, 158-159; CAETANO, 2005: 157; BROCHADO, Padre Alexandrino – *Por um mundo mais belo...* «A Voz do Pastor» (21 Abr. 1951 – 16 Ago. 1952); *Diário Popular*. «As Crianças Austríacas que estiveram em Portugal aprendem em Viena a dominar melhor o nosso idioma» (24 Out. 1956). Acessível no ADMNE – *Assuntos culturais: Clube dos Pequenos Portugueses de Viena*, MNE-MD/LEM-AUS-LVIE/006; Entrevistas gravadas.

⁶⁶ Correspondência trocada entre a Caritas Portuguesa e a Caritas de Viena, as famílias biológicas ou de acolhimento relativamente a convites. Acessível no Arquivo da Universidade Católica Privada de Linz, Linz, Áustria; Entrevistas gravadas.

⁶⁷ Dados cedidos pela Embaixada da Áustria em Lisboa.

joint venture da Corticeira Amorim na Áustria, a qual garantiria uma boa parte da expansão internacional da mesma.

Alguns deixariam, inclusivamente, marcas na cultura local, como Hannelore Martinowsky que, décadas mais tarde, descobriria ter inspirado o título do livro de um seu querido amigo de Portugal: *Montes Pintados*, do Dr. João Araújo Correia⁶⁸.

As marcas deixadas nas famílias de acolhimento, essas certamente serão impossíveis de recolher na sua totalidade. Não raramente, porém, ambas as partes perdiam o contacto e não mais o retomariam, restando apenas as memórias daqueles que viveram a experiência ou a ouviram contar. Raro era que as crianças conseguissem reencontrar as famílias depois de lhes perderem o rasto e, mais ainda, que famílias que haviam perdido o contacto com os acolhidos os voltassem a encontrar. Ainda assim, ambos os casos aconteceram⁶⁹.

NOTAS FINAIS

Regra geral, as ações beneméritas que trouxeram várias crianças de países fustigados pelos horrores da guerra até Portugal, com destaque, pelo seu alcance mediático, para a que foi promovida pela União de Caridade Portuguesa, marcaram tanto aqueles que as viveram de forma direta quanto muitos daqueles que, de alguma forma, as presenciaram.

Até hoje, por todo Portugal continental, são recordadas «as crianças estrangeiras», especialmente as austríacas, entre os resistentes das localidades onde foram acolhidas e mesmo pelos seus descendentes, que a eles ouviram contar as histórias daqueles que até hoje são recordados como os pequenos «refugiados».

A comunicação social da época destacaria o espírito cristão de que estava imbuída a Acção da Caritas, fazendo eco da «missão civilizadora» da pátria, promovida pelo regime. Tal visão permaneceria igualmente na perspectiva dos organizadores. O Padre Alexandrino Brochado, responsável pela Ação no Porto, recordá-la-ia com emoção e orgulho, enquanto uma «das mais belas páginas» da sua vida. Referiria também não acreditar que pudesse um tal comportamento repetir-se atualmente⁷⁰.

Os acolhidos, por seu lado, destacam ainda a felicidade sentida à época e a gratidão que daí resulta, associada aos efeitos positivos da passagem por Portugal, tanto a nível físico e afetivo, quanto a nível profissional, em alguns casos⁷¹.

⁶⁸ MARTINOWSKI, 2015.

⁶⁹ CAETANO, 2005; Entrevistas gravadas.

⁷⁰ Padre Alexandrino Brochado (02/10/2015), entrevista gravada.

⁷¹ Fontes hemerográficas; Entrevistas gravadas.

Tal como eles, também as famílias que os acolheram e/ou os seus descendentes, recordam com saudade um evento que para si foi marcante de muitas formas. Independentemente da duração dos laços estabelecidos, vários são os que vêem a atuação dos seus familiares como um exemplo. Exemplo esse que pretendem seguir e acreditam poder ter eco no presente.

Hannelore Martinowsky, acolhida no Alto Douro vinhateiro, cujo percurso profissional, entre o ensino de línguas estrangeiras e as organizações internacionais, refere ter sido marcado pela experiência em Portugal, sublinha, num discurso emocionado, a necessidade de olhar o passado como, mais do que História, uma lição para o presente e para as gerações futuras⁷².

Gostaria que os europeus em geral estivessem tão abertos a receber [menores desacompanhados] como os portugueses [...] estiveram connosco, crianças de países em guerra. Eu sei que a situação é diferente hoje, [...] que a cultura deles é muito diferente da nossa. Eu também sei que a sociedade prefere que eles fiquem com as suas famílias e os mantenham lá, o que naturalmente não promove o seu bem-estar [...]. Acho que hoje em dia seria difícil encontrar esse tipo [...] de prontidão para abrir os braços, e as famílias, e a casa, e o seu ser a crianças de uma cultura estranha, de um país estranho, de circunstâncias estranhas, e é uma pena. É uma pena que nós, como humanidade, não tenhamos progredido neste sentido... [...]. É claro que um sentido de humanidade exigiria que os recebêssemos [...]. Eu sei que não podemos recebê-los a todos, [...] mas temos de tentar. [...]. Devemos fazer tudo [...] para facilitar a integração deles, porque se não estamos a criar inimigos. [...]. É um problema e será um problema maior [...] no futuro. [...]. Tudo o que é estranho deixa as pessoas com medo. Agora, uma cultura diferente, uma religião diferente... A Áustria nunca foi muito religiosa, mas agora todos se dizem cristãos, [...] não praticando muito, mas, o que é muito pior, não vivendo no espírito cristão e na essência cristã, que é «ama o teu próximo».⁷³

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES ARQUIVÍSTICAS:

Arquivo da Caritas Diocesana do Porto (ACDP).

Arquivo da Caritas Portuguesa, por intermédio das digitalizações do Arquivo da Universidade Católica Privada de Linz (AUCPL).

Arquivo Histórico Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros (AHDME).

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT) – *Arquivo Oliveira Salazar*.

Arquivos pessoais das ex-crianças e famílias de acolhimento entrevistados.

⁷² Entrevistas gravadas.

⁷³ Hannelore Martinowsky (22/03/2017), entrevista gravada.

FONTES ORAIS:

- Adolfine Gradischnig (29/06/2017), entrevista gravada.
Alois Sablatnig (26/04/2017), entrevista gravada.
Anna Katharina Karrer (22/02/2017), entrevista gravada.
Balbina Fernandes (17/05/2016), entrevista gravada.
Christa Schuller (30/05/2016), entrevista gravada.
Elfriede Janda (13/10/2015), conversa anotada.
Francisco Zenkl (17/11/2016), entrevista gravada.
Hannelore Martinowski (22/03/2017), entrevista gravada.
Ilona Fonseca (01/06/2016), entrevista gravada.
Ilse Kutska (18/03/2016), entrevista gravada.
Ingunde Wieser (22/02/2017), entrevista gravada.
Johanna Oswald (25/05/2016), entrevista gravada.
Luís Rocha Bento e irmãos Adelino, Helena e Manuel (30/03/2016), entrevista gravada.
Manuel Godinho (07/06/2018), entrevista gravada.
Maria da Luz Lencastre (29/07/2018), entrevista gravada.
Maria de Fátima Basto (09/06/2017), entrevista gravada.
Maria de Fátima Correia Soares e sobrinha Ema (08/02/2017), entrevista gravada.
Maria João Amaral (16/08/2017), entrevista anotada.
Maria João Medeiros (31/05/2016), entrevista gravada.
Maria Júlia Delgado e filhos Nuno, Margarida e Luís (11/06/2017), entrevista gravada.
Maria Lucinda Melo e sua sobrinha Constança (30/09/2017), entrevista gravada.
Padre Alexandrino Brochado (02/10/2015), entrevista gravada.
Peter Zenkl (21/02/2017), entrevista gravada.
Werner Arthofer (09/02/2017), entrevista gravada.

FONTES HEMEROGRÁFICAS:

- O Comércio do Porto*. Porto, 1947-1958.
Correio de Coimbra. Coimbra, 1947-1958.
Correio do Vouga. Aveiro, 1947-1958.
Diário de Lisboa. Lisboa, 1947-1958.
Diário do Governo. Lisboa, 1964
A Guarda. Guarda, 1947-1958.
Mensageiro de Bragança. Bragança, 1947-58.
Notícias de Beja. Beja, 1947-1958.
A Voz do Pastor. Porto, 1947-1958.
A Voz da Verdade. Lisboa, 1947-1958.

VIDEOGRAFIA:

- A Caridade não tem Fronteiras* (1950?) [documentário]. Lisboa: Lisboa Filme. Disponível em:
<http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=16006&type=Video>
(acedido a 20/01/2017).

BIBLIOGRAFIA

- BEIGBEDER, Yves (1991) – *The Role and Status of International Humanitarian Volunteers and Organizations*. The Netherlands: Martinus Nijhoff Publishers.
- BOURDIEU, Pierre (1980) – *Le capital social : notes provisoires*. In *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n.º 31: 2-3.
- BRAGA, Ricardo (2005a) – *O Jornal Português (1938-1951): veículo de propaganda cinematográfica de um país nas margens da guerra*. «Prisma.com», n.º 1: 128-174
- ____ (2005b) – *Propaganda e Representação de um País nas Margens da Guerra. O Jornal Português (1938-1951)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- CAETANO, José A. Palma (2005) – *Um laço de Amizade entre Portugal e a Áustria*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- CORTÈS BRAÑA, Lurdes (2016) – *Ayuda humanitaria a los niños europeos víctimas de la Primera y Segunda Guerra Mundial*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra.
- DELGADO, P (2010) – *O acolhimento Familiar em Portugal. Conceitos, práticas e desafios*. *Psicologia e Sociedade*, Vol. 22, n.º 2: 336-344.
- DUARTE, Teresa, et al. (2009) – *A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica)*. Lisboa: ISCTE.
- FENTRESS, James; WICKHAM, Chris (1992) – *Social memory*. Oxford: Blackwell.
- HECKMAN, Friedrich (2005) – *National modes of immigrant integration*. In BOSSWICK Wolfgang; HUSBAND, Charles (ed.) – *Comparative European Research in Migration, Diversity and Identities*. Bilbao: Universidad de Duesto: 99-112.
- JUDT, Tony (2006) – *Postwar: A history of Europe since 1945*. London: Penguin.
- KIND-KOVÁCS, Friederike (2013) – *The «Other» Child Transports: World War I and the Temporary Displacement of Needy Children from Central Europe*. «Revue d'histoire de l'enfance «irrégulière»». *Le Temps de l'histoire*, n.º 15: 75-109.
- KÖNIG, Michael D., et al (2016) – *The Long-lasting Shadow of the Allied Occupation of Austria on its Spatial Equilibrium*. Brighton: Households in Conflict Network.
- MAISEL-SCHULZ, Christine (2010) – *Kinderlandverschickungen österreichischer Kinder nach Spanien in den Mangeljahren nach dem Zweiten Weltkrieg*. Wien: Böhlau.
- MARTINOWSKI, Hannelore (2015) – *O «Primo Doutor» João de Araújo Correia e a menina dos «Montes Pintados»*. «Revista GEIA», n.º 4. Peso da Régua: Tertúlia João de Araújo Correia: 106-110.
- MAYR, Susanne (2013) – *Kinderverschickungen nach Portugal. Erholungsaufenthalte in einer fremden Welt, 1947-1956*. Salzburg: Kultur und Gesellschaftswissenschaftlichen Fakultät der Universität Salzburg.
- MELLO, Celso de Albuquerque (2012) – *Refugiado, Cidadão Universal: uma análise do direito à identidade pessoal*. «Revista Lugar Comum». Rio de Janeiro: CFCHUFRJ, n.º 27.
- PINHO, Ana (2011) – *A Imigração Irregular em Portugal: vidas que explicam factos*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de mestrado.
- ____ (2019) – *As «Crianças Caritas», entre a Áustria e Portugal (1947-1958)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de doutoramento.
- PIRES, Rui Pedro Pena (2003) – *Migrações e integração: Teoria e aplicações à sociedade portuguesa*. Oeiras: Celta.
- ROLLO, Maria Fernanda (1994) – *Portugal e o Plano Marshall: história de uma adesão a contragosto (1947-1952)*. «Análise Social»: 841-869.
- ROSAS, Fernando (1998) – *O Estado Novo (1926-1974)*. Lisboa: Editorial Estampa.

- SCHIESSER, Gerhard (2015) – *Weltweite Brücken aus Kork: Das kosmopolitische Leben von Gerhard Schiesser*. Viena: Edição de autor.
- THOMPSON, Paul (2017) – *The voice of the past: Oral history*. Oxford: Oxford University Press.
- TROPA, Mário (2018) – *Mação Solidário*. «Revista Zahara», n. ° 31: 6-19.
- UNHCR (2010) – *Convention and Protocol relating to the Status of Refugees*. Genebra. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/protection/basic/3b66c2aa10/convention-protocol-relating-status-refugees.html>> [Consulta realizada em: 27/06/2017].
- VALA, Jorge (1996) – *Identidades, estruturas cognitivas e transformações culturais*. In *Dinâmicas multiculturais, novas faces, novos olhares. Actas das sessões plenárias do III Congresso Luso-Afro-Brasileiro*. Vol. 1. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais: 25-29.